

NEWS

A soberania torna-se especificação

Como o verão da IA de 2026 transforma a questão da localização de imagem em condição de compra

21 de junho de 2026, Tobias Engl



Três semanas, três sinais. Em maio e junho de 2026, a Airbus, a Infineon e o polo de Munique mostraram, independentemente uns dos outros, a mesma coisa: a soberania dos dados passou da brochura de imagem para a especificação do produto. Quem hoje compra IA pergunta primeiro onde é feito o processamento.

O ritmo é ditado pelo EU AI Act. A partir de 2 de agosto, o seu quadro para sistemas de alto risco aplica-se na íntegra. As aplicações na administração pública, nos recursos humanos e nas infraestruturas críticas precisam de análise de risco e de percursos de processamento rastreáveis. Em paralelo, a reforma Digital Omnibus da Comissão Europeia reajusta o regime de proteção de dados para o treino de IA. O quadro torna-se, ao mesmo tempo, mais rigoroso e mais flexível.

A indústria reage antes da data-limite. No final de maio, a Airbus integrou a Mistral, criadora francesa de modelos, nas suas aplicações mais sensíveis de aviação e defesa. A Infineon lançou componentes de segurança certificados e resistentes à computação quântica para a plataforma robótica Jetson Thor da NVIDIA, ancorando assim a confiança no silício. O índice Dealroom 2026 coloca Munique entre os cinco polos tecnológicos mais densos da Europa, sustentado pela indústria e pela investigação.

Para o Digital Signage, isto desloca a concorrência. Um ecrã que conta visitantes ou exibe conteúdos em função do contexto torna-se um sistema sujeito a obrigações de documentação. A ScreenWay concebeu a sua arquitetura desde o início a pensar nisso: processamento no dispositivo, ao abrigo do direito europeu. O que começou como uma postura lê-se hoje como uma resposta ao caderno de encargos.

O segundo movimento assenta na divisão de trabalho. Os robôs vêm do especialista, a segurança certificada do fabricante de semicondutores, os modelos de centros de dados europeus. A ScreenWay coloca por cima a camada de orquestração, neutra e local. Em vez de hardware próprio, o que conta é a capacidade de integrar de forma limpa os sistemas existentes e de os tornar acessíveis.

O verão de 2026 marca, assim, uma mudança na unidade de medida. Não é a dimensão do modelo que decide a adjudicação, mas a clareza da resposta a uma única pergunta: onde ficam os dados? Os fornecedores que aqui respondem sem asteriscos ganham um tempo que os outros só mais tarde conseguirão recuperar.